

Projeto de pesquisa

Pós-doutorado

Título do projeto: O conceito de inconsciente em Deleuze e Guattari: um debate com a psicanálise

Nome do supervisor: Vladimir Pinheiro Safatle

Nome do candidato: Felipe César Shimabukuro

Resumo: Graças a Freud e o advento da psicanálise, o conceito de inconsciente se tornou, ao longo do século XX, uma categoria central para os esquemas de autocompreensão de nossa época, transformando nosso modo de pensar e compreender fenômenos dos mais diversos campos da cultura e do saber como a psicologia, a arte, a religião, a filosofia, a política, a pedagogia e as ciências sociais. Dada, portanto, a importância do conceito de inconsciente para a nossa época, o objetivo de nossa pesquisa é compreender um momento bastante preciso da história da recepção do conceito psicanalítico de inconsciente, a saber, o debate crítico com a psicanálise proposto por Deleuze e Guattari e cuja forma mais bem acabada se encontra em *O Anti-Édipo*. A hipótese de trabalho mais geral que anima e orienta nossa pesquisa é a seguinte: a matriz de todas as críticas de Deleuze e Guattari à psicanálise é a crítica do conceito de inconsciente, o que significa que, para compreender aquilo que está realmente em jogo nesse debate, será necessário responder as seguintes perguntas: 1) Por que Deleuze e Guattari tem necessidade de criticar o conceito psicanalítico de inconsciente? 2) Em que consiste o conceito esquizoanalítico de inconsciente proposto por Deleuze e Guattari como alternativa ao conceito psicanalítico de inconsciente? 3) Em que o conceito esquizoanalítico de inconsciente se distingue do conceito psicanalítico? 4) Quais são as implicações da diferença entre esses dois conceitos? Através de uma resposta a essas questões, nosso objetivo é propor uma leitura que possa contribuir para a compreensão daquilo que está realmente em jogo no debate entre Deleuze e Guattari e a psicanálise.

Research Project

Title of the project: The concept of unconscious in Deleuze and Guattari: a debate with psychoanalysis

Supervisor: Vladimir Pinheiro Safatle

Candidate: Felipe César Shimabukuro

Abstract: Through Freud and the advent of psychoanalysis, the concept of unconscious became, in the course of the 20th century, a central category for the self-understanding schemes of our time, transforming our manner of thinking and understanding the phenomena from different fields of culture and knowledge as psychology, art, religion, philosophy, politics, pedagogy and social sciences. That is why the aim of our research is to understand a quite precise moment of the reception's history of the psychoanalytical concept of unconscious, namely, the debate with psychoanalysis proposed by Deleuze and Guattari in *Anti-Oedipus*. The most general hypothesis of work which animates and guides our research is the follow one: the matrix of all critiques which Deleuze and Guattari address to psychoanalysis is the critique of its concept of unconscious, that is to say, to understand the issue of this debate, it is necessary to respond the following questions: 1) Why Deleuze and Guattari need to criticize the psychoanalytical concept of unconscious? 2) What does the schizoanalytical concept of unconscious proposed by Deleuze and Guattari as an alternative to the psychoanalytical one consist of? 3) Which are the main differences between the schizoanalytical and psychoanalytical concepts of unconscious? 4) Which are the consequences of the difference between these two concepts? Through a response to these questions we aim to propose a lecture which may contribute to the understanding of the real issue of the debate between Deleuze and Guattari and psychoanalysis.

1) Enunciado do problema

Antes mesmo de iniciar o seu trabalho em conjunto com Guattari, a psicanálise já era um importante interlocutor de Deleuze em *Apresentação de Sacher-Masoch* (1967), *Diferença e repetição* (1968) e *Lógica do sentido* (1969). Se, por um lado, em algumas passagens desses três livros Deleuze já adotava uma posição crítica em relação à psicanálise¹, sobretudo em *Apresentação de Sacher-Masoch* onde faz uma crítica da teoria freudiana do sadismo e do masoquismo², por outro lado, Deleuze ainda tinha, nessa época, uma atitude bastante positiva em relação à psicanálise, isso a ponto de afirmar, em *Lógica do sentido*, que “a psicanálise tem razão de lembrar o papel do Édipo como ‘complexo nuclear’”³. Como se sabe, essa atitude positiva se transformará radicalmente após o encontro com Félix Guattari, momento em que os

¹ Em *Diferença e repetição*, uma das principais críticas de Deleuze à psicanálise diz respeito ao dualismo da teoria freudiana das pulsões e a concepção do inconsciente que daí deriva, ou seja, um inconsciente definido pelo conflito: “Os fenômenos do inconsciente não se deixam compreender sob a forma demasiado simples da oposição e do conflito. Não é somente a teoria do recalçamento mas o dualismo na teoria das pulsões que favorece o primado de um modelo do conflito em Freud” (*Différence et répétition*, Paris: Minuit, 2011, p. 140). Essa crítica leva Deleuze a propor o primado do modelo questionante do inconsciente sobre o modelo negativo do conflito: “O negativo em geral, sob seu duplo aspecto de limitação e oposição, nos parece secundário em relação à instância dos problemas e questões” (Ibid., p. 140). Para defender essa posição, Deleuze evoca, em uma nota de rodapé da página 141, Serge Leclaire e sua teoria da neurose e da psicose como modos de questionamento: “Serge LECLAIRE esboçou uma teoria da neurose e da psicose que se articula à noção de questão como categoria fundamental do inconsciente. Nesse sentido, ele distingue o modo de questão na histeria (‘eu sou um homem ou uma mulher?’) e no obsessivo (‘eu estou morto ou vivo?’); ele distingue também as posições respectivas da neurose e da psicose em relação a essa instância da questão” (Ibid., p. 141). Como os leitores de Lacan sabem, nos seminários III e IV, ou seja, entre 1955 e 1957, Lacan articula a histeria e a neurose obsessiva a esse modo de questionamento: 1) Articulação entre neurose e questão: a) “A estrutura de uma neurose é essencialmente uma questão, e é exatamente por isso que, para nós, ela foi durante muito tempo uma mera questão” (*Le Séminaire III*, Paris: Seuil, 1981, aula do dia 21 de março de 1956, p. 196). b) “a neurose é uma questão colocada pelo sujeito no nível da sua própria existência” (*Le Séminaire IV*, Paris: Seuil, 1994, aula do dia 26 de junho de 1957, p. 391). 2) A questão na histeria: a) “O que diz Dora através de sua neurose? O que diz a mulher-histérica? Sua questão é a seguinte – *O que é ser uma mulher?*” (*Le Séminaire III*, aula do dia 21 de março de 1956, p. 197). b) “Essa questão adquire as seguintes formas na histeria – *O que é ter o sexo que eu tenho? O que isso quer dizer: ter um sexo? O que quer dizer o fato de que eu possa até mesmo me colocar a questão?*” (*Le Séminaire IV*, aula do dia 26 de junho de 1957, p. 391). 3) A questão na neurose obsessiva: “Se a neurose se relaciona à dimensão da existência, ela se relaciona de modo ainda mais dramático na neurose obsessiva, em que se trata não apenas da relação do sujeito a seu sexo, mas de sua relação ao próprio fato de existir. É nesse sentido que as seguintes questões podem ser consideradas como obsessivas – *O que é existir? Como eu sou em relação àquele que sou sem sê-lo, já que posso me dispensar dele, tomar distância suficiente para me conceber como um morto?*” (Ibid.)

² Assim como em *Diferença e repetição*, em *Apresentação de Sacher-Masoch* a crítica de Deleuze visa, entre outras coisas, a dimensão dialética da teoria freudiana do sadismo e do masoquismo: “Nós consideramos rápido demais que basta virar os signos, inverter as pulsões e pensar a grande unidade dos contrários para obter Masoch a partir de Sade. O tema de uma unidade sado-masoquista, de uma entidade sado-masoquista, sempre foi bastante prejudicial a Masoch. Ele não apenas sofreu um esquecimento injusto, mas uma injustiça complementar, uma injusta unidade dialética (...) ao invés de uma dialética que reúne de modo apressado demais os contrários, é preciso ir na direção de uma crítica e de uma clínica capazes de tornar visíveis os mecanismos realmente diferenciais tanto quanto as originalidades artísticas [de Sade e Masoch]” (*Présentation de Sacher-Masoch*, Paris: Minuit, 2007, p. 12-13).

³ DELEUZE, *Logique du sens*, Paris: Minuit, 2012, p. 247.

dois autores empreenderão juntos um debate crítico com a psicanálise cuja forma mais bem acabada se encontra em *O Anti-Édipo* (1972).

Para entendermos aquilo que está realmente em jogo nesse debate, é necessário elucidar inicialmente a natureza da crítica deleuzo-guattariana à psicanálise. Para tanto, proponho partir da seguinte questão: Qual é o problema mais geral colocado por Deleuze e Guattari em *O Anti-Édipo*? Em uma entrevista concedida oito anos após a publicação dessa obra, Deleuze fornece a seguinte resposta a essa questão: “A situação de *O Anti-Édipo* era relativamente simples. *O Anti-Édipo* tratava de um domínio familiar, reconhecido: o inconsciente. Sua proposta era substituir o modelo teatral ou familiar do inconsciente por um modelo mais político: a fábrica ao invés do teatro”⁴. O problema mais geral de *O Anti-Édipo* é, portanto, a questão do inconsciente, o projeto desse livro consistindo na proposta de um conceito renovado de inconsciente, ou seja, um inconsciente esquizoanalítico como alternativa ao inconsciente psicanalítico. Em outros termos, todo o debate de Deleuze e Guattari com a psicanálise em *O Anti-Édipo* gira em torno do conceito de inconsciente, a crítica deste conceito sendo a matriz de todas as outras críticas que os dois autores dirigem à psicanálise: a crítica do complexo de Édipo, do familiarismo, da teoria do significante, da redução da multiplicidade à unidade, do desejo como falta, da castração, da interpretação, da fantasia, do esquema sujeito do desejo/objeto do desejo, etc.

Por que Deleuze e Guattari criticam o conceito psicanalítico de inconsciente? Por que eles propõem um conceito renovado de inconsciente como alternativa ao conceito psicanalítico? Se Deleuze e Guattari sentem necessidade de criar um conceito renovado de inconsciente, é porque, para eles, o conceito psicanalítico de inconsciente possui um limite maior, a saber, não nos permitir apreender de modo satisfatório as relações entre inconsciente e campo sócio-político. Tal limite derivaria de um duplo reducionismo operado pela psicanálise. Por um lado, o reducionismo de tipo freudiano, ou seja, a redução do inconsciente às coordenadas mítico-familiares. Por outro lado, o reducionismo de tipo lacaniano, ou seja, a redução do inconsciente à linguagem. No que diz respeito ao primeiro tipo de reducionismo, Guattari diz o seguinte: “Nós podemos tentar traçar não a história da psicanálise, mas a sua trajetória como sendo a de um longo projeto de redução (*réduction*). O familiarismo, ou seja, a redução (*réduction*) da representação do inconsciente a um certo triângulo familiar, é apenas uma das etapas de sua trajetória – aquela que normalmente é a mais colocada em primeiro plano”⁵. Quanto ao segundo tipo de reducionismo, Guattari faz as seguintes afirmações em *O que é a ecosofia?*: “Na época

⁴ DELEUZE, “Huit ans après : entretien 80”, in *Deux régimes de fous*, Paris: Minituit, 2003, p. 162.

⁵ GUATTARI & ROLNIK, *Micropolitiques*, Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2007, p. 295.

de *O Anti-Édipo*, no que me diz respeito (porque a perspectiva de Deleuze é com certeza diferente), eu estava muito preocupado em fazer uma crítica do estruturalismo e da teoria lacaniana do significante, que me parecia ser um sistema reducionista (*réductionniste*) cujos efeitos incidiam sobre o campo da psicanálise, da prática psiquiátrica, mas também sobre o campo social em todos os níveis”⁶.

Tendo em vista esse duplo reducionismo, podemos dizer que, se em Freud o inconsciente é estruturado pelo “complexo de Édipo (*Ödipuskomplex*)” à medida que ele é “o verdadeiro núcleo da neurose (*Kern der Neurose*)”⁷, e se em Lacan “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”⁸, o inconsciente esquizoanalítico, por sua vez, “não é estruturado nem como uma linguagem nem pelo Édipo, ele não é de modo algum estruturado”⁹. Daí porque o projeto mais geral de *O Anti-Édipo* consiste em propor “uma noção de inconsciente que não seja redutora (*réductrice*) como a das concepções familiaristas dos primeiros modelos do inconsciente freudiano, ou como os inconscientes estruturalistas, que reduzem (*réduisent*) tudo à semiotização do significante”¹⁰. Aqui uma observação se faz necessária. Se levarmos em consideração que as palavras “reducionismo”, “redução”, “reducionista” e “reductor” significam transformar algo complexo em algo mais simples do que é de fato, dizer que a psicanálise opera um reducionismo não significa de modo algum que ela esteja totalmente errada. Isso significa, na realidade, que Deleuze e Guattari aderem à hipótese freudiana do inconsciente, no entanto, para eles o inconsciente é irreduzível ao Édipo e ao significante. Nesse sentido, não se trata de uma rejeição em bloco, de uma eliminação total da psicanálise, mas de uma crítica bastante pontual e precisa, como nos explica acertadamente Henning Schmidgen: “Se deixarmos de lado o caráter panfletário de *O Anti-Édipo*, perceberemos que não se trata tanto para os autores de uma crítica vasta da psicanálise quanto de uma crítica do inconsciente”¹¹.

O principal limite do conceito psicanalítico de inconsciente consiste, portanto, em não nos permitir apreender de modo satisfatório as relações entre inconsciente e campo sócio-político, isso em função de seu duplo reducionismo. Segundo o primeiro tipo de reducionismo, a psicanálise teria a tendência de reduzir os fenômenos do campo sócio-político ao Édipo e à

⁶ GUATTARI, *Qu'est-ce que l'écosophie ?*, Paris: Lignes, 2013, p. 83.

⁷ FREUD, “Ein Kind wird geschlagen”, in GW 12, Frankfurt: S. Fischer, 1990, p. 213-214. Outras ocorrências da tese de que o Édipo é o complexo nuclear da neurose na *Gesammelte Werke*: GW 5, p. 217, GW 9, p. 188, GW 13, p. 413, GW 14, p. 82.

⁸ LACAN, *Le Séminaire XI*, Paris: Seuil, 1973, aula do dia 22 de janeiro de 1964, p. 23.

⁹ LAPOUJADE, *Deleuze, les mouvements aberrants*, Paris: Minuit, 2014, p. 139.

¹⁰ GUATTARI & ROLNIK, *Micropolitiques*, p. 303.

¹¹ SCHMIDGEN, *Das Unbewußte der Maschinen*, Munique, Fink, 1997, p. 25.

família. Para tornar mais concreto o que os dois autores visam ao se referir a essa primeira modalidade de reducionismo, pensemos, por exemplo, naquele que pode ser considerado como o texto mais político de Freud, a saber, *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), texto do qual Adorno dirá o seguinte em 1954: “Agora já faz trinta anos que a própria psicanálise se esforça para compreender fenômenos políticos (*politischer Phänomene*). Ela tematiza precisamente os assim chamados movimentos de massa (...) Em sua origem se encontra o extraordinário escrito de Freud *Psicologia das massas e análise do eu*”¹². Esse texto é o mais político de Freud à medida que sua questão central é saber em que consiste o suporte do vínculo social que reúne e sustenta diversos indivíduos em uma massa: “Se os indivíduos estão reunidos na massa formando uma unidade, então é preciso realmente que haja algo que os vincula uns aos outros, e aquilo que produz esse vínculo poderia ser justamente o que caracteriza a massa. No entanto, Le Bon não responde essa questão”¹³. A resposta de Freud a essa questão será a seguinte: é Eros enquanto força unificadora ou, dito de outro modo, a libido, o amor ou ainda a transferência que cria e sustenta o laço social da massa através de um processo de identificação com seu líder, ou seja, uma figura de autoridade que incarna o ideal de eu da massa enquanto *Vaterersatz* (substituto do pai). Daí a tese freudiana de que tanto o Cristo na igreja católica quanto o capitão no exército são substitutos do pai: “Ele [o Cristo] representa o bom irmão mais velho na sua relação com os indivíduos da massa religiosa, ele é para eles um *substituto do pai* (*Vaterersatz*) (...) Todo capitão é por assim dizer o general e *pai* (*Vater*) de seu serviço e de todos os oficiais subalternos de seu pelotão”¹⁴. Ao destacar a importância política desse texto de Freud, Adorno observa que o elemento mais importante no fenômeno das massas é familiarista, ou seja, trata-se de um processo de identificação com figuras paternas: “Nesse livro ele [Freud] pretende deduzir as famosas observações de Le Bon e de McDougalls a partir da dinâmica pulsional individual. Com isso ele desencanta o conceito de psicologia das massas: para Freud os sintomas da massa não dizem respeito a uma essência coletiva e misteriosa pois estão assentados em processos que transcorrem em cada membro individual de uma massa, a saber, em identificações com figuras paternas (*Identifikationen mit Vaterfiguren*)”¹⁵. *Psicologia das massas e análise do eu* é assim um caso exemplar daquilo que Deleuze e Guattari entendem por redução psicanalítica do campo social ao Édipo e à família.

¹² ADORNO, “Bemerkungen über Politik und Neurose”, in GS 8, Frankfurt: Suhrkamp, 1990, p. 434.

¹³ FREUD, *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, in GW 13, Frankfurt: S. Fischer, 1990, p. 77.

¹⁴ *Ibid.*, p. 102-103. (Grifo meu).

¹⁵ ADORNO, “Bemerkungen über Politik und Neurose”, p. 434.

Um outro exemplo bastante significativo desse tipo de reducionismo é o caso Richard de Melanie Klein. Quando o garoto tinha dez anos, seus pais a procuraram porque os sintomas de seu filho o haviam impedido de ir à escola desde os oito anos de idade, ou seja, em 1939, momento em que a eclosão da Segunda Guerra Mundial havia agravado suas crises de angústia: “A eclosão da guerra havia aumentado consideravelmente as dificuldades de Richard”¹⁶, explica Melanie Klein. A guerra estava de fato no centro dos interesses de Richard, sendo um de seus assuntos preferidos nas sessões. Em *Narrativa de uma análise de criança*, a psicanalista austríaca radicada na Inglaterra interpreta tudo aquilo que Richard diz sobre a guerra e seus personagens exclusivamente em termos familiaristas, ou seja, enquanto substitutos do pai, da mãe e do irmão, assim como dos desejos, fantasias e angústias de Richard em relação aos membros de sua família. Daí interpretações do tipo: 1) “A sra. K. também associou a angústia de Richard em relação aos aliados britânicos a seu irmão, que Richard sentia não ser um aliado confiável contra a união hostil dos pais (no material, a Alemanha e Hitler)”¹⁷. 2) “A sra. K. interpretou que Churchill e os britânicos representavam um outro aspecto dos pais: o bom pai que protege a mãe, os pais maravilhosos e mais admirados do que os pais reais (Richard concordou com isso), ao passo que a Alemanha e Hitler representavam os pais maus quando estavam bravos com ele”¹⁸. 3) “Ela [Melanie Klein] interpretou que as dúvidas de Richard sobre a Austria expressavam sua incerteza em relação a ela, e que a sua suspeita em relação à Rússia está relacionada a ela assim como à sua mãe [a mãe má]. Ele tinha dúvidas se a sra. K. e a sua mãe eram suas aliadas contra o pai ‘mau’ (o austríaco Hitler)”¹⁹. Esse tipo de interpretação familiarista prolifera ao longo de todo o livro, estas três amostras já nos dando uma ideia bastante clara de que todo o interesse de Richard pela guerra, tudo aquilo que ele diz sobre a guerra nas sessões, é interpretado e reduzido a uma representação simbólica através da qual Richard elabora seus conflitos familiares-edípicos, a expressão “representação simbólica” designando aquilo que Deleuze e Guattari entendem por inconsciente como um teatro em que se representam eternamente as mesmas peças: Édipo e Hamlet. Em outros termos, para Melanie Klein a guerra não interessa a Richard por seu conteúdo propriamente político, geográfico e bélico, mas somente à medida que lhe possibilita elaborar simbolicamente seus conflitos e dificuldades em suas relações familiares, deslocando, condensando e transferindo uma série de desejos, afetos, fantasias e angústias inconscientes para os personagens da guerra. O caso

¹⁶ KLEIN, *Narrative of a Child Analysis, The Writings of Melanie Klein IV*, Londres: Karnac, 1996, p. 16.

¹⁷ *Ibid.*, p. 28.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*, p. 33.

Richard é assim um exemplo emblemático daquilo que Deleuze e Guattari entendem por redução psicanalítica das relações entre inconsciente e campo sócio-político às coordenadas mítico-familiares. Nesse caso, a crítica de Deleuze e Guattari se funda na diferença do estatuto da criança na psicanálise e na esquizoanálise: “A criança é politizada desde o seu nascimento, enquanto criança pobre ou rica. Ela é sexuada política. Freud disse: a criança é sexuada mas não é política. Não a tornem política. Nós dizemos: ela é sexuada política. E não há sexualidade sem política”²⁰, diz Deleuze.

No que diz respeito ao reducionismo de tipo lacaniano, a crítica fundamental de Deleuze e Guattari visa a tese segundo a qual “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. O principal argumento dos dois autores contra a definição lacaniana do inconsciente consiste em mostrar que o regime semiótico do significante é apenas um regime dentre outros, não gozando, portanto, de nenhum tipo de privilégio ou primazia: “Não somente tal semiótica não é a primeira, mas não vemos nenhuma razão de conceder-lhe um privilégio particular do ponto de vista de um evolucionismo abstrato”.²¹ Em *Linhas de fuga*, Guattari insiste no caráter reducionista do conceito estruturalista de inconsciente, cuja principal implicação é, a seu ver, nos impedir de apreender aquilo que está realmente em jogo nas relações entre inconsciente e campo social: “As definições atuais do inconsciente – em particular a dos estruturalistas que pretendem reduzi-lo a articulações simbólicas da ordem da linguagem – não permitem apreender os caminhos de passagem entre o desejo individual e as produções semióticas de toda natureza que intervêm na estruturas sociais, econômicas, industriais, científicas, artísticas, etc”²². Em suma, para Guattari “foi um erro grave da corrente estruturalista pretender reduzir tudo o que diz respeito à psiquê à autoridade exclusiva do significante linguístico!”²³ Notemos que Guattari não diz que a dimensão significante não existe ou não tem nenhuma importância. O que ele quer dizer é que reduzir *todos* os processos psíquicos inconscientes ao significante é uma simplificação cuja implicação maior é não dar conta de uma dimensão a-significante das relações entre inconsciente e campo sócio-político. Ora, é justamente essa crítica do reducionismo de tipo lacaniano que está por trás desse tipo de afirmações de Guattari: “Os linguistas e os semióticos chegaram gradualmente a considerar que os ícones, os diagramas ou todo meio de expressão préverbal, gestual, corporal, etc., dependem da linguagem significante e que constituem apenas meios imperfeitos de comunicação. A meu ver, trata-se aí de um

²⁰ DELEUZE, *Lettres et autres textes*, Paris: Minuit, 2015, p. 239.

²¹ DELEUZE & GUATTARI, *Mille plateaux*, Paris: Minuit, 2013, p. 147.

²² GUATTARI, *Lignes de fuite*, Paris: L’Aube, 2014, p. 19.

²³ GUATTARI, *Chaosmose*, Paris: Galilée, 1992, p. 16.

preconceito intelectualista que apresenta imensos inconvenientes quando lidamos com as crianças, os loucos, os primitivos ou toda pessoa que se expresse num registro semiótico que eu colocaria na categoria de semiologias simbólicas (...) As crianças e os doentes mentais frequentemente expressam aquilo que mais conta para eles fora das semiologias significantes. O especialista, o tecnocrata da coisa mental e o representante do poder medical ou escolar se recusam a escutar tais modos de expressão”²⁴.

Ao propor um conceito esquizoanalítico de inconsciente como alternativa ao inconsciente psicanalítico, Deleuze e Guattari visam superar esse duplo reducionismo à medida que, por um lado, o inconsciente esquizoanalítico não se limita ao âmbito restrito da família, investindo diretamente todo o campo social, por outro lado, ele não se limita ao regime semiótico do significante, comportando outros regimes semióticos a-significantes.

A meu ver, a crítica de Deleuze e Guattari à psicanálise se caracteriza por dois aspectos fundamentais. O primeiro consiste no reconhecimento da importância daquilo que está sendo criticado: no fundo, nunca criticamos algo que consideramos totalmente irrelevante, algo que não é digno de atenção e do tempo despendido para a realização da crítica. Por que perderíamos nosso tempo criticando algo que aos nossos olhos não possui nenhuma importância? Se Deleuze e Guattari criticam a psicanálise, é porque reconhecem o lugar central que ela ocupa no momento histórico em que vivemos, daí porque Guattari diz: “Eu tenho respeito por Freud, por aquilo que ele representa; ele foi um extraordinário criador. Suas sacadas geniais e loucas o relegaram, durante longos períodos de sua vida, à margem da opinião científica e médica, e apesar disso ele conseguiu chamar a atenção para fatos subjetivos até então desconhecidos”²⁵. Ora, o fato subjetivo mais importante para o qual Freud chamou a atenção é o inconsciente, de modo que, se Deleuze e Guattari propõem um conceito renovado de inconsciente, é porque reconhecem a importância que essa categoria adquiriu ao longo do século XX graças à psicanálise. Nesse sentido, não se trata de abandonar a categoria de inconsciente, mas de criar um conceito de inconsciente distinto do conceito psicanalítico. O segundo aspecto da crítica consiste no estabelecimento dos limites daquilo que está sendo criticado assim como na proposta de uma alternativa àquilo que é objeto da crítica. Como vimos, para Deleuze e Guattari o limite maior do conceito psicanalítico de inconsciente é não nos permitir apreender de modo satisfatório as relações entre inconsciente e campo sócio-político, isso em função de seu duplo reducionismo. É justamente esse limite que levará os dois autores a propor um conceito renovado de inconsciente como alternativa ao conceito psicanalítico.

²⁴ GUATTARI, *La révolution moléculaire*, Paris: Les Prairies ordinaires, 2012, p. 208-209.

²⁵ GUATTARI, *Les années d'hiver*, Paris: Les Prairies ordinaires, 2009, p. 204.

Essas considerações sobre a natureza da crítica de Deleuze e Guattari à psicanálise nos permitem enunciar o problema de nossa pesquisa através de três questões: 1) Em que consiste o conceito deleuzo-guattariano de inconsciente? 2) Em que ele se distingue do conceito psicanalítico de inconsciente? 3) Quais são as principais consequências da diferença entre esses dois conceitos? A fim de propor uma resposta a essas perguntas, o método utilizado será comparativo, ou seja, delimitar e explicar o significado e as implicações das principais diferenças entre os conceitos psicanalítico e esquizoanalítico de inconsciente.

2) Resultados esperados

O resultado mais geral esperado é trazer novos elementos para a compreensão do debate entre Deleuze/Guattari e a psicanálise em relação aos estudos já existentes sobre esse tema. Para tanto, os resultados específicos esperados são os seguintes: 1) A delimitação rigorosa das diferenças entre os conceitos psicanalítico e esquizoanalítico de inconsciente. 2) O estabelecimento das consequências e implicações da diferença entre esses dois conceitos. 3) Mostrar como o conceito esquizoanalítico de inconsciente nos fornece um quadro renovado de análise não apenas dos processos psíquicos enquanto objeto da clínica, mas também das relações entre inconsciente, política e campo social.

3) Desafios científicos e tecnológicos e os meios e métodos para superá-los

O primeiro grande desafio científico de nossa pesquisa é o seguinte: compreender o debate entre Deleuze/Guattari e a psicanálise pressupõe conhecer suficientemente tanto a psicanálise quanto a obra de Deleuze e Guattari. Esse desafio está na base da insuficiência de alguns estudos sobre o mesmo objeto, ou seja, pesquisadores que conhecem bem a psicanálise, muitas vezes não conhecem suficientemente a obra de Deleuze e Guattari, o que os leva, por vezes, a simplificações excessivas do pensamento dos dois autores, por outro lado, pesquisadores que conhecem bem a obra de Deleuze e Guattari muitas vezes demonstram um conhecimento insuficiente da psicanálise, o que também os leva a simplificações excessivas.

O segundo grande desafio científico poderia ser sintetizado do seguinte modo: o caráter panfletário de *O Anti-Édipo* produz frequentemente dois efeitos que dificultam a compreensão do debate entre Deleuze/Guattari e a psicanálise. Em primeiro lugar, ele produz o efeito de resistência que leva a uma tomada de partido apressada e a uma “imparcialidade” excessivas que impedem os leitores psicanalistas de compreender a contribuição de Deleuze e Guattari à

psicanálise, o que faz com que, muitas vezes, os psicanalistas nem mesmo leiam com atenção *O Anti-Édipo*. Em segundo lugar, ele produz o efeito de simplificação e caricatura da psicanálise por parte dos deleuzo-guattarianos, o que também impede a compreensão de que a esquizoanálise se inscreve no campo freudiano, sendo uma derivação da própria psicanálise.

Nossa pesquisa pretende superar esses limites à medida que demonstraremos um conhecimento suficiente tanto da psicanálise quanto da obra de Deleuze e Guattari, o que já pode ser constatado em certa medida pela pequena amostra do texto que enuncia o problema de nossa pesquisa, e que ficará ainda mais evidente com o texto final que comportará os resultados de nossa pesquisa.

4) Cronograma de execução do projeto

1) Fazer uma releitura pontual de todos os textos de Deleuze e Guattari sobre a psicanálise a fim de recolher os dados para a produção do texto com os resultados de nossa pesquisa. Lista de textos (ver as referências completas na bibliografia) : a) livros : *L'Anti-Édipe*, *Mille plateaux*, *Psychanalyse et transversalité*, *L'inconscient machinique*, *Écrits pour L'Anti-Édipe*. b) Artigos e entrevistas : *Entretien sur L'Anti-Édipe*, in *Pourparlers*, p. 24-38, *Deleuze et Guattari s'expliquent...*, in *L'île déserte et autres textes*, p. 301-319, *Capitalisme et schizophrénie (avec Félix Guattari)*, in *L'île déserte et autres textes*, p. 323-336, *Qu'est-ce que c'est, tes 'machines désirantes' à toi ?*, in *L'île déserte et autres textes*, p. 337-339, *Sur le capitalisme et le désir (avec Félix Guattari)*, in *L'île déserte et autres textes*, p. 365-380, *Cinq propositions sur la psychanalyse*, in *L'île déserte et autres textes*, p. 381-390, *Schizophrénie et société*, in *Deux régimes de fous*, p. 17-28, *Quatre propositions sur la psychanalyse*, in *Deux régimes de fous*, p. 72-79, *L'interprétation des énoncés (avec Félix Guattari, Claire Parnet, André Scala)*, in *Deux régimes de fous*, p. 80-103, *Désir et plaisir*, in *Deux régimes de fous*, p. 112-122, *Entretien sur l'Anti-Édipe avec Raymond Bellour*, in *Lettres et autres écrits*, p. 198-239, *Psychanalyse morte analysez*, in *Dialogues*, p. 95-147, *L'inconscient n'est pas structuré comme un langage*, in *Lignes de fuite*, p. 19-31, *Moléculaire*, in *Les années d'hiver*, p. 137-239. Período de realização desta primeira etapa : 9 meses.

2) A partir de nossas fichas de leitura das obras completas de Freud, Lacan, Melanie Klein e Ferenczi, reler alguns textos para recolher as passagens e citações que nos permitirão realizar o objetivo de nossa pesquisa. Período de realização desta etapa: 5 meses.

3) Leitura de estudos sobre Deleuze, Guattari e a psicanálise (ver as referências na bibliografia). Período de realização desta etapa: 3 meses.

4) Leitura de obras, artigos e entrevistas que se demonstrem necessários, no decorrer da pesquisa, para esclarecer e complementar os três momentos anteriores: 3 meses.

5) Redação do texto com os resultados da pesquisa. Período de realização desta etapa: 4 meses.

5) Disseminação e avaliação

1) Disseminação: através de meios tradicionais de divulgação da pesquisa científica: publicação de artigos com os resultados parciais de nossa pesquisa, organização e participação em eventos como colóquios, jornadas de estudo, conferências, etc., confecção de um texto com os resultados da pesquisa em vista da publicação sob a forma de um livro.

2) Avaliação: através do retorno de nosso supervisor, de pesquisadores da área e da reação dos participantes de eventos acadêmicos.

6) Bibliografia

Textos de Deleuze e Guattari

DELEUZE, G., *Critique et clinique*, Paris: Minuit, 1993.

___, *Deux régimes de fous*, Paris: Minuit, 2003.

___, *Différence et répétition*, Paris: Minuit, 2011.

___, *Empirisme et subjectivité*, Paris: PUF, 1993.

___, *Foucault*, Paris: Minuit, 2004.

___, *La philosophie critique de Kant*, Paris: PUF, 1963.

___, *Le bergsonisme*, Paris: PUF, 1966.

___, *Le pli. Leibniz et le baroque*, Paris: Minuit, 1988.

___, *Lettres et autres écrits*, Paris: Minuit, 2015.

___, *L'image-mouvement*, Paris: Minuit, 1983.

___, *L'image-temps*, Paris : Minuit, 1985.

___, *L'île déserte et autres textes*, Paris: Minuit, 2009.

___, *Logique de la sensation*, Paris: Seuil, 2002.

___, *Logique du sens*, Paris: Minuit, 2012.

___, *Nietzsche et la philosophie*, Paris: PUF, 1983.

___, *Périclès et Verdi*, Paris: Minuit, 1988.

___, *Pourparlers*, Paris: Minuit, 2003.

- ____, *Présentation de Sacher-Masoch*, Paris: Minuit, 2007.
- ____, *Proust et les signes*, Paris: PUF, 1998.
- ____, *Quad*, Paris: Minuit, 1992.
- ____, *Spinoza et le problème de l'expression*, Paris: Minuit, 1968.
- ____, *Spinoza. Philosophie pratique*, Paris: Minuit, 2003.
- ____, *Superpositions*, Paris: Minuit, 1979.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F., *Kafka. Pour une littérature mineure*, Paris: Minuit, 1975.
- ____, *L'Anti-Œdipe*, Paris: Minuit, 2012.
- ____, *Mille plateaux*, Paris: Minuit, 2013.
- ____, *Qu'est-ce que la philosophie ?*, Paris: Minuit, 2005.
- DELEUZE, G. & PARNET, C., *Dialogues*, Paris: Flammarion, 1996.
- GUATTARI, F., *Cartographies schizoanalytiques*, Paris: Galilée, 1989.
- ____, *Chaosmose*, Paris: Galilée, 1992.
- ____, *De Leros à la Borde*, Paris: Lignes, 2012.
- ____, *Écrits pour L'Anti-Œdipe*, Paris: Lignes, 2012.
- ____, *La philosophie est essentielle à l'existence humaine*, Paris: L'Aube, 2002.
- ____, *Les années d'hiver*, Paris: Les Prairies ordinaires, 2009.
- ____, *Les trois écologies*, Paris: Galilée, 1989.
- ____, *L'inconscient machinique*, Paris: Recherches, 1979.
- ____, *Lignes de fuite*, Paris: L'Aube, 2014.
- ____, *Psychanalyse et transversalité*, Paris: Maspero, 1972.
- ____, *Qu'est-ce que l'écophilosophie ?*, Paris: Lignes, 2013.
- ____, *Révolution moléculaire*, Paris: Les Prairies ordinaires, 2012.
- ____, *Ritournelles*, Tours: Lume, 2007.
- ____, *Un amour d'Uiq*, Paris: Éditions Amsterdam, 2012.
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S., *Micropolitiques*, Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, 2007.

Estudos sobre *O Anti-Édipo*, Deleuze/Guattari e a psicanálise

- ABOU-RIHAN, F., *Deleuze and Guattari: a psychoanalytical Itinerary*, Londres/Nova Iorque, Continuum, 2008.
- CORNIBERT, N. & GODDARD, J.-C. (Org.), *Ateliers sur L'Anti-Œdipe*, ? : Mimesis, 2008.
- DAVID-MÉNARD, M., *Deleuze et la psychanalyse*, Paris: PUF, 2005.

DE BOLLE, L. (Org.), *Deleuze and Psychoanalysis: Philosophical Essays on Deleuze's Debate with Psychoanalysis*, Louvain: Leuven University Press, 2010.

HOLLAND, E. W., *Deleuze and Guattari's Anti-Oedipus*, Londres/Nova Iorque: Routledge, 1999.

JAMBOIS, F., *Deleuze et la mort : chemins dans L'Anti-Œdipe*, Paris: L'Harmattan, 2016.

SIBERTIN-BLANC, G., *Deleuze et L'Anti-Œdipe*, Paris: PUF, 2010.

SCHMIDGEN, H., *Das Unbewußte der Maschinen*, Munique: Fink, 1997.

Textos de Freud

FREUD, S., *Gesammelte Werke 1: Werke aus den Jahren 1892-1899*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 2-3: Die Traumdeutung/ Über den Traum*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 4: Zur Psychopathologie des Alltagslebens*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 5: Werke aus den Jahren 1904-1905*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 6: Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 7: Werke aus den Jahren 1906-1909*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 8: Werke aus den Jahren 1909-1913*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 9: Totem und Tabu*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 10: Werke aus den Jahren 1913-1917*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 11: Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 12: Werke aus den Jahren 1917-1920*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 13: Jenseits des Lustprinzips/Massenpsychologie und Ich-Analyse/Das Ich und das Es*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 14: Werke aus den Jahren 1925-1931*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 15: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 16: Werke aus den Jahren 1932-1939*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

___, *Gesammelte Werke 17: Schriften aus dem Nachlass*, Frankfurt: S. Fischer, 1990.

Textos de Lacan

LACAN, J., *Autres écrits*, Paris: Seuil, 2001.

- ___, *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, Paris: Seuil, 1975.
- ___, *Des noms-du-père*, Paris: Seuil, 2005.
- ___, *Écrits*, Paris: Seuil, 1966.
- ___, *Je parle aux murs*, Paris: Seuil, 2011.
- ___, *Le mythe individuel du névrosé*, Paris: Seuil, 2007.
- ___, *Le triomphe de la religion*, Paris: Seuil, 2005.
- ___, *Le séminaire I, Les écrits techniques de Freud 1953-1954*, Paris: Seuil, 1975.
- ___, *Le séminaire II, Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse 1954-1955*, Paris: Seuil, 1978.
- ___, *Le séminaire III, Les psychoses 1955-1956*, Paris: Seuil, 1981.
- ___, *Le séminaire IV, La relation d'objet 1956-1957*, Paris: Seuil, 1994.
- ___, *Le séminaire V, Les formations de l'inconscient 1957-1958*, Paris: Seuil, 1998.
- ___, *Le séminaire VI, Le désir et son interprétation 1958-1959*, Paris: La Martinière, 2013.
- ___, *Le séminaire VII, L'éthique de la psychanalyse 1959-1960*, Paris: Seuil, 1986.
- ___, *Le séminaire VIII, Le transfert 1960-1961*, Paris: Seuil, 1991.
- ___, *Le séminaire IX, L'identification 1961-1962*, Versão Staferla.
- ___, *Le séminaire X, L'angoisse 1962-1963*, Paris: Seuil, 2004.
- ___, *Le séminaire XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse 1964*, Paris: Seuil, 1973.
- ___, *Le séminaire XII, Problèmes cruciaux pour la psychanalyse 1964-1965*, Versão Staferla.
- ___, *Le séminaire XIII, L'objet de la psychanalyse 1965-1966*, Versão Staferla.
- ___, *Le séminaire XIV, La logique du fantasme 1966-1967*, Versão Staferla.
- ___, *Le séminaire XV, L'acte psychanalytique 1967-1968*, Versão Staferla.
- ___, *Le séminaire XVI, D'un Autre à l'autre 1968-1969*, Paris: Seuil, 2006.
- ___, *Le séminaire XVII, L'envers de la psychanalyse 1969-1970*, Paris: Seuil, 1991.
- ___, *Le séminaire XVIII, D'un discours qui ne serait pas du semblant 1971*, Paris: Seuil, 2007.
- ___, *Le séminaire XIX, ... ou pire 1971-1972*, Paris: Seuil, 2011.
- ___, *Le séminaire XX, Encore 1972-1973*, Paris: Seuil, 1975.
- ___, *Le séminaire XXI, Les non-dupes errent 1973-1974*, Versão Staferla.
- ___, *Le séminaire XXII, R.S.I. 1974-1975*, Versão Staferla.
- ___, *Le séminaire XXIII, Le sinthome 1975-1976*, Paris: Seuil, 2005.
- ___, *Le séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre 1976-1977*, Versão Staferla.
- ___, *Le séminaire XXV, Le moment de conclure 1977-1978*, Versão Staferla.

____, *Mon enseignement*, Paris: Seuil, 2005.

Textos de Melanie Klein

KLEIN, M., *Die Psychoanalyse des Kindes*, Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1932.

____, *The Writings of Melanie Klein I: Love, Guilt and Reparation and Other Works 1921-1945*, Londres: Karnac, 1992.

____, *The Writings of Melanie Klein II: The Psycho-Analysis of Children*, Londres: Karnac, 1998.

____, *The Writings of Melanie Klein III: Envy and Gratitude and Other Works 1946-1963*, Londres, Karnac, 1993.

____, *The Writings of Melanie Klein IV: Narrative of a Child Analysis*, Londres, Karnac, 1996.

Textos de outros autores

ADORNO, T., “Bemerkungen über Politik und Neurose”, in GS 8, Frankfurt: Suhrkamp, 1990.

____, “Die revidierte Psychoanalyse”, in GS 8, Frankfurt: Suhrkamp, 1990.

____, “Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda”, in GS 8, Frankfurt: Suhrkamp, 1990.

____, “Zum Verhältnis von Soziologie und Psychologie”, in GS 8, Frankfurt: Suhrkamp, 1990.

ALLIEZ, É., *La signature du monde ou Qu'est-ce que la philosophie de Deleuze et Guattari ?*, Paris: Cerf, 1993.

ANTONIOLI, M., ASTIER, F., FRESSARD, O. (Org.), *Gilles Deleuze et Félix Guattari. Une rencontre dans l'après Mai 68*, Paris: L'Harmattan, 2009.

ANTONIOLI, M., CHARDEL, P. A., REGNAULD, H. (Org.), *Gilles Deleuze, Félix Guattari et le politique*, Paris: Éditions du Sandre, 2007.

ARTAUD, A., *Œuvres complètes*, Paris: Gallimard.

CASTEL, R., *Le psychanalyste*, Paris: Flammarion, 1981.

DERRIDA, J., *États d'âme de la psychanalyse*, Paris: Galilée, 2000.

____, *La carte postale*, Paris: Flammarion, 1980.

____, *Résistances de la psychanalyse*, Paris: Galilée, 1996.

____, *Psyché. Invention de l'autre*, Paris: Galilée, 1998.

DOSSE, F., *Gilles Deleuze et Félix Guattari : biographie croisée*, Paris: La Découverte, 2007.

DUNKER, C., *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica*, São Paulo: Annablume, 2011.

FERENCZI, S., *Journal clinique*, Paris, Payot, 1985.

- _____, *Œuvres complètes I: 1908-1912*, Paris: Payot, 1968.
- _____, *Œuvres complètes II: 1913-1919*, Paris: Payot, 1970.
- _____, *Œuvres complètes III: 1919-1926*, Paris: Payot, 1974.
- _____, *Œuvres complètes IV: 1927-1933*, Paris: Payot, 1976.
- FOUCAULT, M., *Histoire de la folie à l'âge classique*, Paris: Gallimard, 1972.
- _____, *Maladie mentale et psychologie*, Paris: PUF, 1954.
- _____, *Naissance de la clinique*, Paris: PUF, 1997.
- FREUD, A., *Das Ich und die Abwehrmechanismen*, Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1936.
- GOODCHILD, P., *Deleuze & Guattari. An Introduction to the Politics of Desire*, Londres, Sage, 1996.
- GRODDECK, G., *Das Buch vom Es*, Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1923.
- HABERMAS, J., "Psychoanalyse und Gesellschaftstheorie", in *Erkenntnis und Interesse*, Frankfurt, Suhrkamp, 1973.
- HJELMSLEV, L., *Essais linguistiques*, Copenhague: Nordisk Sprog-og Kulturforlag, 1959.
- _____, *Essais linguistiques II*, Copenhague: Nordisk Sprog-og Kulturforlag, 1973.
- _____, *Le langage*, Paris: Minuit, 1969.
- _____, *Prolegomena to a Theory of Language*, The University of Wisconsin Press, 1969.
- LAPOUJADE, D., *Deleuze, les mouvements aberrants*, Paris: Minuit, 2014.
- MACHADO, R., *Deleuze, a Arte e a Filosofia*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- MARTIN, J.-C., *Variations. La philosophie de Gilles Deleuze*, Paris: Payot, 1993.
- MONTEBELLO, P., *Deleuze. La passion de la pensée*, Paris: Vrin, 2008.
- NIETZSCHE, F., *Jenseits von Gut und Böse*, in KGW VI/2, Berlin: de Gruyter, 1968.
- ORLANDI, L. B. L., "A filosofia de Gilles Deleuze", in: PECORARO, R. (Org.), *Clássicos da filosofia*, Petrópolis, Vozes, 2009, p. 256-279.
- _____, "Reich em *O Anti-Édipo*", in *Revista Reichiana*, V. 2006, p. 56-66, 2006.
- PEIRCE, C. S., *Écrits sur le signe*, Paris: Seuil, 1992.
- _____, *Semiotic and Significs*, Indiana University Press, 1977.
- PELBART, P. P., *A Nau do tempo-rei*, Rio de Janeiro, Imago, 1994.
- _____, *A vertigem por um fio*, São Paulo, Iluminuras, 2000.
- _____, *Da clausura do fora ao fora da clausura*, São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____, *O tempo não-reconciliado*, São, Paulo, Perspectiva, 1998.
- POLITZER, G., *Critique des fondements de la psychologie*, Paris: PUF, 2003.

- REICH, W., *Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse*, Copenhage: Sexpol-Verlag, 1934.
- ___, *Die Funktion des Orgasmus*, Viena, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1927.
- ___, *Die Sexualität im Kulturkampf*, Copenhage: Sexpol-Verlag, 1936.
- ___, *Massenpsychologie des Faschismus*, , Copenhage: Sexpol-Verlag, 1933.
- ___, *The Function of the Orgasm*, Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1973.
- ___, *The Mass Psychology of Fascism*, Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1993.
- ___, *The Sexual Revolution*, Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1973.
- ROLNIK, S., “Deleuze, esquizoanalista”, in *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, p. 82-89, 1996.
- ___, “Esquizoanálise e Antropofagia”, in *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 4, p. 16-20, 1996.
- SAFATLE, V., *A paixão do negativo*, São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ___, *Grande hotel abismo*, São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ___, *Introdução a Jacques Lacan*, São Paulo: Authentica, 2017.
- ___, *O circuito dos afetos*, São Paulo: Authentica, 2015.
- SAUSSURE, F., *Cours de linguistique générale*, Paris: Payot, 1995.
- SAUVAGNARGUES, A., *Deleuze. L'empirisme transcendantale*, Paris: PUF, 2009.
- SIBERTIN-BLANC, G., *Politique et État chez Deleuze et Guattari*, Paris: PUF, 2013.
- VILANI, A., *La guêpe et l'orchidée. Essai sur Gilles Deleuze*, Paris: Belin, 1999.
- ZOURABICHVILI, F., *Deleuze: Une philosophie de l'événement*, Paris: PUF, 1994.